

ANA CLÁUDIA CAVALCANTE,
ANTÔNIA PEREIRA BEZERRA,
JUSSILENE SANTANA,
RAIMUNDO MATOS DE LEÃO

Celeiro de agentes culturais (atores, atrizes, diretores, educadores, cenógrafos, iluminadores, dramaturgos, roteiristas, produtores, *performers* etc.) que atuam nos palcos e telas do Brasil, pesquisadores e professores que atuam em diversas universidades do país e no exterior e, ainda, nas redes de educação básica, a Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia e o seu Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas enfrentam uma grave crise do campo da Educação vivenciada pelo país, neste momento que também celebra mais de 65 anos de atuação.

A Edição especial, número 47, do Cadernos do GIPE-CIT ***De Eros a Ogum na Escola de Teatro da UFBA***, busca refletir sobre questões históricas e desafios da atualidade desse espaço pioneiro do ensino superior, pesquisa e produção nas artes da cena, equilibrado no tripé ensino, pesquisa e extensão.

A universidade, não somente no Brasil, está mergulhada numa profunda crise institucional, relacionada com as contradições entre as suas funções tradicionais e as imposições do mundo contemporâneo. Em conformidade com Boaventura de Souza Santos, essa crise institucional resulta, dentre outros fatores, da contradição entre a reivindicação da autonomia na definição dos seus valores e objetivos e a pressão crescente para submeter-se a critérios de eficácia e de produtividade externos e/ou mercadológicos. Ainda assim, a universidade tem sido historicamente



o espaço privilegiado para a produção e para a reprodução do conhecimento e dos diversos saberes, muito embora a sua atuação seja permeada por perspectivas e disputas filosóficas, epistemológicas, éticas, políticas, econômicas, estéticas e pedagógicas. Com base em análises de Naomar A. Filho e Boaventura de Souza Santos, do ponto de vista epistemológico, a universidade brasileira se estruturou com base numa concepção linear e fragmentadora do conhecimento, alienada muitas vezes da complexidade dos problemas da natureza, da sociedade, da história e da subjetividade humanas.

Em 08 de abril de 1946, a Universidade da Bahia é fundada, derivada da primeira instituição de ensino superior do Brasil, a Escola de Cirurgia do Hospital Real Militar, que foi fundada por D. João VI (1808) e teve a tradição Escolástica como principal referência para a sua fundamentação por longos anos. A primeira gestão, a do Reitor Edgard Santos, contou com artistas, intelectuais, educadores brasileiros e *scholars* europeus que o ajudaram a instalar novas faculdades de artes e ciências humanas, constituindo uma das principais universidades de arte e cultura do país.

Sem dúvida, o papel do primeiro reitor da UFBA foi fundamental para a definição dos contornos da Universidade Federal da Bahia (que é federalizada em 04 de dezembro de 1950), assegurando a sua singularidade. Edgard Santos, responsável pela administração no período entre 1946 e 1961, vislumbrou uma universidade integrada pelas áreas de Artes, Letras, Humanidades e Ciências. Nesse contexto, temos a fundação da Escola de Teatro e a sua primeira gestão, iniciada em 1956, por Eros Martim Gonçalves.

Consideramos importante compreender as demandas e necessidades atuais da Escola de Teatro (do corpo docente, do corpo discente e do corpo técnico-administrativo e, inclusive, dos egressos), analisando os fatos históricos e questões sociais relacionadas à sua conformação para que possamos, junto à comunidade do entorno (física e remotamente), responder aos desafios contemporâneos do campo das artes (em particular o das artes da cena), da educação e da pesquisa.

Dentre os desafios da atualidade enfrentados pela *Casa de Eros*, podemos destacar: a formação de artistas-pesquisadores que possam transitar entre diversas poéticas, convenções, estéticas, meios e entre matrizes culturais distintas. Não se restringindo apenas à matriz europeia, mas se aprofundando no legado de outras matrizes fundamentais da nossa constituição como nação, tais como a africana e a indígena. Nesse sentido, é importante interiorizar a atuação, envolvendo



todos os Territórios de Identidade Cultural do Estado e, simultaneamente, internacionalizar a sua Pesquisa, que tem dialogado com outros centros de investigação no campo das artes do país, com especial atenção a centros do Norte e Nordeste e, através da ABRACE (Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas), articulando uma potente rede nacional.

Ademais, é fundamental formar artistas e professores que possam transitar entre meios ou veículos de comunicação, suportes para a ficção, para a criação e difusão de sua produção artística. Muito importante compreender neste momento a convergência de meios e linguagens possibilitada pela revolução digital. Atuando, assim, poderá ampliar seu alcance, minimizar os impactos da centralização dos investimentos culturais na região sudeste do país, reagindo a processos históricos que tentam manter a Bahia (com toda a sua capacidade de realização e potencialidades) como um estado periférico, no que se refere a políticas públicas nas áreas de cultura e de comunicação.

Esta edição especial reúne artigos, ensaios, estudos e relatos que enfocam o contexto e o impacto da fundação da Escola de Teatro da UFBA em ensino, pesquisa, experimentação e realização nas artes da cena no país. Na seção FOLHAS AVULSAS, recebemos a contribuição de artigos jornalísticos, desenvolvidos nas perspectivas do *Jornalismo Cultural* e do *Jornalismo como Forma de Conhecimento*.

O artigo ***Cultura em Ebulição: teatro em Salvador nos anos de pré-ditadura***, de Carluce Couto, com base numa metodologia descritiva, relaciona fatos históricos dos anos 1950 até a deflagração do golpe civil-militar em 1964, focando, mais precisamente, nas artes cênicas, destacando uma poderosa movimentação cultural em Salvador no período, abordando aspectos da administração do reitor Edgard Santos e a fundação da Escola de Teatro, a gestão de Eros Martim Gonçalves e a expansão do cenário teatral na cidade.

Ricardo Sizílio, no artigo ***Os caminhos de João Augusto: por um teatro crítico, popular e pelo povo***, apresenta esboço biográfico do artista da cena João Augusto Azevedo Filho, enfatizando a sua produção artística e as contribuições para o fazer teatral nesse período em que se estabeleceram na cidade de Salvador a Escola de Teatro e o Teatro Vila Velha.



No ensaio ***Brincante: Etnocenologia, Culturas Populares e processos formativos na Licenciatura em Teatro***, José Rêgo (Pinduka) registra o papel da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia e do seu Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas na instituição das bases da Etnocenologia, refletindo acerca da tessitura de alianças entre os processos formativos da Licenciatura em Teatro e os saberes e fazeres do brincante, ser performático que agencia processos criativos e produções artísticas emergentes *de e com* Culturas Populares.

César Augusto Paro, em ***O Gesto – Grupo de Estudos em Teatro do Oprimido: entre memórias e projeções***, realiza um estudo, em formato de entrevista, traçando uma retrospectiva histórica da constituição do GESTO, um dos atuais grupos de pesquisa que está sediado na Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. O GESTO tem continuado a sua missão de viabilizar a inserção dos estudos e práticas do Teatro do Oprimido no ensino superior, fazendo jus ao legado do teatrólogo Augusto Boal. O trabalho reúne o depoimento dos artistas-pesquisadores Antônia Pereira Bezerra, Cachalote Mattos, Helen Sarapeck, Licko Turle e Luzirene Rego.

No ensaio ***Balançando a rede de teatro do Velho Chico: diálogos e práticas na cena do interior da Bahia***, Danilo Lima de Souza e João Victor Soares relatam atividades relacionadas à Rede de Teatro do Velho Chico, uma organização artística do interior da Bahia, com olhar especial para o projeto *Diálogos em Rede – Teorias e Práticas da Cena*, curso de formação modular em Teatro, realizado em 2021, em busca de caminhos para a descentralização do fazer teatral, enfatizando experiências artísticas e formativas dos demais Territórios de Identidade cultural, além da capital e do recôncavo. O trabalho aborda ainda experiência de interiorização de princípios estéticos e pedagógicos do Teatro Negro.

Com o ensaio ***Hermínia Miryam, a paixão de Eros: um artifício dramático para a difusão da história da fundação da Escola de Teatro da UFBA***, Jones Oliveira Mota apresenta um relato descritivo de uma experiência artística que homenageia Martim Gonçalves, a fundação da Escola de Teatro, bem como apresenta o texto dramático – imaginativo e ficcional – que serviu de base à encenação.

Sérgio Nunes Melo, em ***Práticas de Montagem na Escola de Teatro da UFBA: ensaio a partir de lembranças de um professor - entre 2011 e 2013***, relata processos de ensino e de aprendizagem realizados na Escola de Teatro da UFBA, entre os anos de 2011 a 2013. Para isso, seleciona



três práticas de montagem, tecendo reflexões a partir dessas experiências. O relato contribui com estudos relativos à história da formação artística no campo das artes da cena, particularmente na Escola de Teatro, “a *alma mater* dos cursos universitários de teatro no Brasil”.

Na seção FOLHAS AVULSAS/ JORNALISMO apresentamos três artigos jornalísticos:

Em ***A casa de Harildo: aprendizagem e afeto no convívio longo do mestre com a Escola de Teatro***, o pesquisador, escritor e jornalista Marcos Uzel descreve e contextualiza a trajetória de Harildo Déda, ator, diretor e professor, referência de gerações de artistas formados pelo teatro feito na Bahia.

A seção traz, também, o artigo jornalístico ***Ponto de Encanto: a jornada poética e educativa de Maria Eugênia Milet***, de Ana Cláudia Cavalcante, abordando o trajeto da atriz, encenadora e arte-educadora que promove diálogos entre matrizes culturais nos seus processos criativos e formativos, constituindo uma poética afro-ameríndia: do tablado de madeira ao piso da sala de aula; dos movimentos sociais de volta ao palco; da areia do sertão ao campo movediço da pesquisa e do ensino dentro (ensino, experimentação e pesquisa) e fora (extensão) dos muros da universidade pública.

Por meio do artigo intitulado ***Da Escola para a cidade: cultura popular e resistência no Teatro Vila Velha***, a jornalista Juliana Protásio aborda aspectos da trajetória do Teatro Vila Velha, estabelecendo relações entre sua relevância para a vida cultural e suas origens vinculadas à Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia, ressaltando que, de modos distintos, ambas as entidades têm papel de suma importância na formação e no desenvolvimento de artistas, na articulação de políticas culturais e na promoção das artes cênicas no contexto cultural brasileiro.

A edição especial que celebra 65 anos desse espaço fundamental para o teatro conta com o Prefácio ***Eros e Ogum***, da atriz, pesquisadora e jornalista Jussilene Santana, diretora do Instituto Martim Gonçalves.